



GAUVIN, Lise et alii (dir). Littératures francophones. Parodies, pastiches, réécritures. Lyon: ENS Editions, 2013.

Eurídice Figueiredo¹

Submetido em 22 de maio e aprovado em 7 de junho de 2013.

O projeto concebido por Lise Gauvin para organizar este livro coletivo parte da ideia de palimpsesto, desenvolvida por Gérard Genette no livro *Palimpsestes. La littéra-*

ture au second degré e por Antoine Compagnon em *La seconde main ou le travail de la citation*. Ambos se situam, naturalmente, na linha-gem traçada por Julia Kristeva, que definiu o conceito de intertextualidade. A questão do palimpsesto adquire uma dimensão particular no âmbito das literaturas francófonas, que se situam numa relação de empréstimo e, ao mesmo tempo, de conflito com a literatura francesa. Além disso, são literaturas que procuram se afirmar no sentido de criar sua própria tradição literária. Assim, o livro tem um triplo objetivo: 1. Discutir os modelos teóricos das práticas de reescrita; 2. Fazer o inventário das figuras elaboradas pela ficção de língua francesa em três áreas geográficas: Europa e América do Norte; Antilhas e Oceano Índico; África; 3. Desembocar na reflexão da questão propriamente epistemológica que tais textos suscitam.

Em relação à Europa e à América do Norte há sete artigos. O primeiro é de Paul Aron, que chama de “práticas imitativas as diferentes

formas ou gêneros que permitem a um autor produzir um texto (T2) atribuído, seriamente ou não, e de maneira mais ou menos explícita, ao modelo que o inspirou” (p. 23). Dentre as mais conhecidas, destacam-se a paródia e o pastiche, mas há outras, como o plágio, a sátira, a suposição de autor. Ele analisa em seu artigo, em particular, os pastiches, tanto belgas quanto franceses, de Maurice Maeterlinck. Já Réjean Beaudoin trabalha com o naturalismo de dois romancistas canadenses franceses, Albert Laberge e Ringuet, a partir da seguinte proposição: seria arriscado afirmar que eles leram Zola, Flaubert e talvez também Huysmans, os irmãos Goncourt e Maupassant? Para organizar seu estudo, o autor analisa quatro lugares comuns nas estratégias de reescrita dos dois romancistas: 1. O uso do apelido; 2. O *topos* da morte não aceita pelo personagem que deve morrer; 3. A crueldade gratuita dos homens em relação aos animais; 4. A ligação forte que une o camponês à terra. No terceiro artigo, Gilles Dupuis aborda

a genealogia do romance *Les fous de Bassan*, de Anne Hébert, apontando o modelo bíblico e a matriz faulkneriana como os elementos fortes na composição da escritora, além da presença de outros autores no palimpsesto, como Shakespeare e Emily Brontë. No artigo seguinte, Mélikah Abdelmoumen enfoca a autoficção de Catherine Mavrikakis e Nelly Arcan, mostrando que elas usam tanto o pastiche quanto a *mise en abyme*; no caso de Mavrikakis, a relação intertextual se dá com dois autores canônicos do Quebec, Hubert Aquin e Réjean Ducharme, enquanto Arcan estabelece um diálogo com autores franceses, a exemplo de Catherine Millet e Serge Doubrovsky. No quinto artigo, Dominique D. Fisher considera que *Seuls*, de Wajdi Mouawad, cujo subtítulo é “Chemin, texte et peintures”, pertence a vários gêneros ao mesmo tempo: teatro, literatura, pintura e fotografia. Mouawad, ao se colocar na linhagem de Robert Lepage e François Tanguy, situa-se num quadro pós-dramático, numa perspectiva transcultural. De ma-

neira instigante, Raoul Boudreau aborda a situação da escritora acadiana France Daigle em relação aos modelos que a mesma tinha diante dela: de um lado, Antonine Maillet, da qual ela não queria ser um epígono; de outro lado, o *nouveau roman* francês e, em particular, a obra de Marguerite Duras, figura que paira nos primeiros romances de France Daigle. Fechando a parte dedicada à Europa e à América do Norte, Lucie Hotte analisa a transtextualidade anglo-americana nos romances *Volkswagen Blues*, de Jacques Poulin, e *L'écureuil noir*, de Daniel Poliquin, autor franco-ontariano.

A segunda parte, dedicada às Antilhas e às ilhas do Oceano Índico, começa com o artigo de Françoise Lionnet, que aborda, em primeiro lugar, questões envolvendo o manifesto “Pour une littérature-monde en français” para, em seguida, analisar as reescritas intertextuais contemporâneas da matriz que constituiu o romance *Paul et Virginie*, de Bernardin de Saint Pierre. Já Michel Beniamino analisa o papel da imitação no caso das

fábulas crioulas. O aspecto que é tratado no artigo de Carla Frata é a relação paródica que Léon-Gontran Damas imprime a seu conto “Yani-des-Eaux” em relação ao conto “Riquet à la houppe”, de Charles Perrault. Segundo a autora, “a transformação diegética é tão importante que ela provoca uma transformação pragmática essencial” (p. 159). Véronique Corinus demonstra que os autores regionalistas antilhanos que seguiam os modelos ocidentais foram taxados de miméticos e, por essa razão, acabaram caindo no ostracismo. É o caso de André Thomarel, cujas poesias e novelas não foram mais reeditadas. A autora considera que seria importante reintegrar sua obra no campo literário antilhano, independentemente da sua ideologia. Já Dominique Chancé estabelece um paralelismo entre a obra de Edouard Glissant e a de Patrick Chamoiseau, considerando que eles formam um verdadeiro díptico, em que várias questões ecoam de um livro a outro, de um autor a outro: a criouldade/crioulização, o espaço local e a relação

com o mundo, o enfoque da história e da geografia, a escrita da oralidade e a apropriação do conto crioulo. Já Ching Selaou trata do romance *Moi, Tituba sorcière... Noire de Salem*, de Maryse Condé, que estabelece um diálogo intertextual com os romances *A letra escarlata*, de Nathaniel Hawthorne, *La Mulâtresse Solitude*, de André Schwarz-Bart e com a obra de Frantz Fanon. Encerrando essa parte, Yolaine Parisot escreve sobre vários autores haitianos que praticam formas de autoficção, com destaque para as obras de Gary Victor e de Danny Laferrière.

O artigo de Charles Bonn sobre *Nedjma*, de Kateb Yacine, abre a parte dedicada à África. Ele mostra que esse romance, considerado fundador da literatura argelina, rompe com o modelo do romance realista francês tanto pela não linearidade quanto pela multiplicação das narrativas. São quatro os personagens-narradores (Rachid, Mourad, Lakhdar e Mustapha), além do narrador principal; *Nedjma*, que dá título à obra, não se torna narradora. Daniel Delas, por sua vez, trata do

embuste (*supercherie*) em torno da autoria do romance *Regard du Roi*, atribuído a Camara Laye e louvado como um “autêntico” romance africano na época de sua publicação (1954). Após a morte do escritor, no entanto, revelou-se uma verdadeira fraude. O romance teria sido escrito, na verdade, por Francis Soulié, autor belga que era muito amigo de Camara Laye. Em outro artigo, no qual aborda as diferenças entre recepções de uma mesma obra, Isaac Bazié mostra que o romance *Le devoir de violence*, de Yambo Ouologuem, passou por quatro fases: no momento da publicação (1968), foi acolhido com entusiasmo, tendo recebido o prêmio Renaudot; numa segunda fase, o autor foi acusado de plágio devido às semelhanças com *Le dernier des justes*, de André Schwarz-Bart; na terceira fase, o romance saiu de circulação e, finalmente, foi reabilitado e reeditado em 2003. Já o artigo de Auguste Mbondé Mouangué procura demonstrar que o *griot* funciona como modelo enunciativo no romance *Peuls*, de Thierno Mo-

nénembo. Para o autor, o romance é produto de um imaginário coletivo e, por isso mesmo, não pode ser estudado fora de seu contexto de produção. O escritor, que se desdobra em etnólogo, fornece as fontes e as circunstâncias do recolhimento do material usado na trama narrativa. O último artigo do livro, de Cécile Van Den Avenne, enfoca a retomada e o desvio de um estereótipo linguístico, o *petit nègre*, língua simplificada empregada na literatura colonial. De forma sumária, pode-se dizer que essa língua se caracteriza pela não flexão verbal, com emprego de infinitivo e pronomes tônicos, além da expressão “y a bon”. O primeiro romance que parodia o “petit nègre” é *Batouala*, de René Maran. Mais recentemente, foi usado no cinema por

Sembène Ousmane em *Camp de Thiaroye* e no romance por Kously Lamko, em *La Phalène des collines*.

Trata-se de um livro da maior relevância, que traz efetivamente uma grande contribuição para os estudos literários, por seu caráter abrangente, já que cobre as diferentes áreas geográficas, por sua harmonia na utilização da mesma base teórica e por atingir o seu objetivo principal, que é o de conceber o campo literário das literaturas de língua francesa como um imenso palimpsesto.

Notas

- ¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFF. Pesquisa apoiada pelo CNPq. euridicefig@gmail.com

